



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP

Instituto de Economia

Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia

**Projeto: Boletim de Conjuntura Industrial,
Acompanhamento Setorial, Panorama da
Indústria e Análise da Política Industrial**

RELATÓRIO DE ACOMPANHAMENTO SETORIAL

(Número 4):

COURO E CALÇADOS

Coordenação:

Adriana Marques da Cunha

Beatriz Freire Bertasso

Colaboração:

Equipe de pesquisadores e bolsistas (NEIT/IE/UNICAMP)

Dezembro de 2009

SUMÁRIO

1. Introdução	1
2. Breve caracterização da indústria e do comércio mundial de couro	1
3. Desempenho da indústria brasileira de couro	5
3.1. Estrutura e concentração	5
3.2. Análise da conjuntura: produção e emprego	8
3.3. Comércio externo	10
4. Considerações finais	13
Referências bibliográficas	15

1. Introdução

O couro pode ser utilizado como insumo por diferentes indústrias. Historicamente, um dos principais destinos do couro, porém não de forma exclusiva, tem sido a fabricação de calçados. Contudo, outros destinos industriais têm se tornado cada vez mais importantes para os fabricantes de couro, principalmente a indústria moveleira e automotiva.

No caso da cadeia produtiva coureiro-calçadista, observam-se diversas atividades, que incluem a produção de insumos, como o couro, e a fabricação do produto final, os calçados. Pode-se localizar o começo dessa cadeia produtiva na atividade pecuária, passando pelo abate dos animais, pelo descarte nos abatedouros, pelo tratamento das peles animais nos frigoríficos ou nos curtumes, onde se realiza o processamento do couro, chegando, finalmente, na indústria calçadista, cujas empresas desenvolvem atividades de modelagem, corte da matéria-prima, costura, montagem, acabamento e embalagem do produto final. Os curtumes desempenham papel central na cadeia calçadista ao executarem atividades de curtimento e acabamento de sua principal matéria-prima, sendo responsáveis pela transformação das peles e pelo fornecimento do couro processado para a fabricação dos calçados. Entretanto, outras cadeias produtivas utilizam o couro de forma cada vez mais frequente, para a fabricação de uma variedade de produtos finais considerados mais sofisticados, como móveis, estofamento de veículos e peças de vestuário de couro.

Os relatórios de acompanhamento setorial precedentes, dedicados à indústria coureiro-calçadista (Cunha, 2008a e 2008b; Cunha e Vasconcelos, 2009) privilegiaram a análise da atividade de produção e comercialização de calçados, com algumas informações sobre a fabricação de couro. Este quarto relatório de acompanhamento setorial tem como objetivo central a análise do desempenho da produção e do comércio externo brasileiro de couro, com ênfase no período posterior à eclosão da crise mundial, principalmente no ano corrente (2009). Justifica-se um estudo específico sobre a indústria de couro devido à importância crescente de países em desenvolvimento, com destaque para o Brasil, na produção e no comércio internacional do produto, além do fato da atividade de processamento de couro ter se tornado muito importante para diferentes cadeias produtivas. Em primeiro lugar, este documento destaca algumas características da indústria e do comércio mundial de couro. Em segundo lugar, analisa o desempenho da produção, do emprego e do comércio externo brasileiro de couro. Por fim, tece algumas considerações finais. Inclui-se também, em algumas partes do documento, a análise de dados e informações sobre a indústria de calçados para dar continuidade aos demais relatórios setoriais.

2. Breve caracterização da indústria e do comércio mundial de couro

Uma das características da indústria de couro é a simplicidade do processo de produção, baseado em uma tecnologia relativamente madura e no uso intensivo de mão-de-obra pouco qualificada. Este ponto já havia sido destacado para a indústria coureiro-calçadista em relatório anterior (Cunha, 2008b).

Outra característica da indústria mundial de couro é o deslocamento de sua produção de países desenvolvidos, tradicionais produtores, para países em desenvolvimento, principalmente aqueles localizados na Ásia e na América do Sul,

com destaque para China, Índia, Coréia do Sul, Brasil e Argentina. O deslocamento da produção de couro para países em desenvolvimento tem sido estimulado pela maior disponibilidade de matéria-prima, pela procura de mão-de-obra mais barata, pela existência de restrições mais severas das políticas ambientais dos países desenvolvidos, assim como pelo próprio movimento de transferência da produção de calçados, importante fonte de demanda do couro, para diversos países em desenvolvimento (Santos et. al., 2002).

Os países desenvolvidos ainda mantêm uma participação significativa na produção mundial de couro, o que resulta especialmente da produtividade de seu rebanho e da manutenção de sua importante atuação na manufatura de produtos de couro. Os países europeus, com forte tradição na produção de couro, geralmente também se destacam na fabricação de produtos de couro, mantendo posição privilegiada no circuito internacional da moda, com calçados e roupas confeccionadas em couro. A Europa se destaca na produção de couro acabado, principalmente Itália, Espanha e Portugal. A indústria de couro italiana é considerada uma referência em termos de acabamento e de qualidade. Contudo, a produção de couro dos países em desenvolvimento tem crescido mais rápido e tem agregado valor nos últimos anos, com destaque para Brasil e China, ocupando o espaço dos países desenvolvidos, que têm perdido participação ao longo do tempo.

A concentração geográfica da produção dentro dos distintos países produtores também pode ser considerada uma característica da indústria de couro, assim como da indústria de calçados (Cunha, 2008b). A formação e o desenvolvimento de pólos coureiro-calçadistas pode ser considerado um importante traço da indústria analisada no âmbito de cada país produtor. Diversos exemplos de importantes pólos de produção podem ser encontrados na Itália, na China e no Brasil.

No que se refere ao comércio mundial de couro e de calçados, observou-se uma significativa elevação dos valores negociados em todos os segmentos na década atual. Houve aumento do valor total negociado de US\$ 83 bilhões, em 2000, para US\$ 146 bilhões, em 2008¹ (Tabela 1). A participação do segmento de calçados, com destaque para os produtos de cabedal de couro, tem se mantido em mais da metade dos valores negociados anualmente: US\$ 79 bilhões em 2008 (54%). O segmento de artefatos de couro tem representado uma parcela menor das transações internacionais anuais: US\$ 47,4 bilhões em 2008 (32%). Por sua vez, o segmento de couro tem sido responsável por uma parcela mais reduzida dos valores negociados, atingindo US\$ 19,6 bilhões em 2008 (14%).

¹ Os dados de comércio mundial de couro e calçados se encontram subestimados para o ano de 2008 por conta da ausência de informações de alguns países, como Espanha, Vietnã e Coréia do Sul, que não haviam disponibilizado seus dados de comércio do ano passado para a base Comtrade até o fechamento deste relatório. Isto certamente subestimou os valores das transações mundiais e afetou as posições relativas dos principais países exportadores dos produtos, considerando a grande participação da Espanha e do Vietnã nas exportações mundiais de calçados e a da Coréia do Sul nas de couro.

Tabela 1 – Evolução das exportações mundiais de couro e calçados (2000-2008)
(Em US\$ milhões)

	2000	2002	2004	2006	2008
Couro	15.187,4	16.062,5	19.826,9	21.422,5	19.601,05
Artefatos de couro	23.592,9	24.317,6	31.775,7	37.517,0	47.424,66
Calçados	43.901,9	47.765,5	58.894,0	67.168,2	78.971,91
Total	82.682,2	88.145,6	110.496,6	126.107,7	145.997,63

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados Comtrade.

Uma das características do comércio mundial de couro é sua concentração nas mãos de um conjunto reduzido de países. Em 2008, os 8 maiores países exportadores foram responsáveis por 65,3% dos valores negociados (Tabela 2). Este peso está subestimado devido à ausência de dados de comércio de couro da Coreia do Sul, importante exportadora, para o ano de 2008, quando os principais exportadores de couro (em termos de valor exportado) foram: Itália (23,8%); Hong Kong (10,7%); Brasil (9,6%) e Estados Unidos (4,7%).

A Itália tem mantido sua liderança no comércio mundial de couro ao longo da década atual: 21,3% em 2004 e 23,8% em 2008. Os países asiáticos (Hong Kong, China e Coreia do Sul) têm se destacado na exportação de couro, certamente com menor peso do que no caso de calçados. Eles atingiram uma participação conjunta significativa em torno de 25% do valor negociado de couro no mundo em 2004. Esta participação se reduziu no último ano analisado (2008), sofrendo com a ausência de dados para Coreia do Sul, mas certamente ainda se encontra em patamar elevado. Em 2008, a China caiu para a 12ª posição da lista dos maiores exportadores de couro (atingindo 2% de participação), o que contrasta com sua expressiva liderança no comércio mundial de calçados (38% do valor negociado em 2007 – Cunha, 2008b). Isto significa que a China tem privilegiado sua atuação na indústria calçadista em detrimento da indústria de couro. A Índia, que ocupava a 10ª posição no ranking de 2004 (3%), acabou atingindo a 7ª colocação em 2008 (4%).

Cumprir destacar a significativa e crescente participação do Brasil no comércio mundial de couro, que passou de 6,5% em 2004 para 9,6% em 2008, colocando o país no terceiro lugar da lista dos maiores exportadores mundiais da principal matéria-prima dos calçados. O Brasil tem se destacado, portanto, no comércio mundial tanto de couro quanto de calçados, embora apresente perdas gradativas de participação mundial no segmento de calçados com o avanço chinês (Cunha, 2008b).

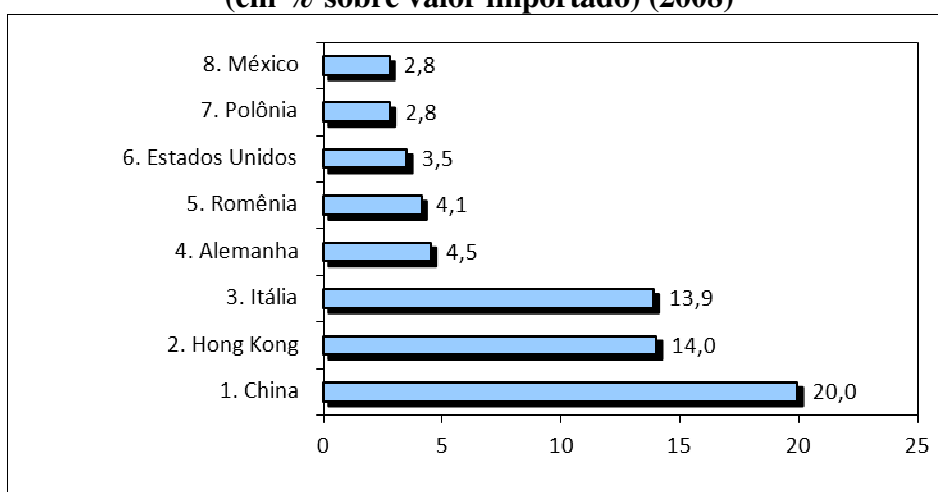
Tabela 2 – Principais Países Exportadores de Couro
(2004 e 2008)

Ranking	2004		2008		
	(US\$ milhões)	(%)	(US\$ milhões)	(%)	
1. Itália	4.224,9	21,3	1. Itália	4.657,7	23,8
2. Hong Kong	2.740,7	13,8	2. Hong Kong	2.101,9	10,7
3. China	1.399,8	7,1	3. Brasil	1.877,7	9,6
4. Brasil	1.290,8	6,5	4. EUA	911,3	4,7
5. EUA	1.193,6	6,0	5. Argentina	894,5	4,6
6. Coreia do Sul	987,5	5,0	6. Alemanha	892,6	4,5
7. Argentina	812,5	4,1	7. Índia	790,0	4,0
8. Alemanha	816,8	4,1	8. Nigéria	680,2	3,5
Total (8 maiores)	13.466,5	67,9	Total (8 maiores)	12.805,8	65,3
Total	19.826,9	100,0	Total	19.601,0	100,0

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados Comtrade.

Um grupo pequeno de países também concentra a importação de couro, quase todos eles grandes exportadores de calçados. Os países asiáticos (China e Hong Kong) lideram as importações mundiais da matéria-prima, o que está de acordo com sua relevante participação conjunta nas exportações do produto final (Gráfico 1). Os 3 principais países importadores de couro (em termos de valor importado) em 2008 foram: China (20%); Hong Kong (14%); e Itália (13,9%). Os países europeus ainda estão representados pela Alemanha (4,5%) e Romênia (4,1%), igualmente grandes exportadores de calçados. Vale lembrar que, apesar de Brasil e Bélgica serem importantes exportadores do produto final (calçado), não configuram na lista de principais importadores de sua matéria-prima (couro). A peculiaridade do caso brasileiro está em sua posição de destaque mundial na produção e exportação tanto de calçados quanto de couro, não tendo participação relevante nas importações da matéria-prima (como é o caso da China).

Gráfico 1 – Participação dos Principais Países Importadores de Couro (em % sobre valor importado) (2008)



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados Comtrade.

O Quadro 1 resume algumas características da indústria e do comércio mundial de couro observadas na década atual:

Quadro 1 – Características da Indústria e do Comércio Mundial de Couro

<ul style="list-style-type: none"> • relativa simplicidade do processo de produção (tecnologia madura);
<ul style="list-style-type: none"> • deslocamento da produção mundial para países em desenvolvimento, com destaque para asiáticos e latino-americanos.
<ul style="list-style-type: none"> • concentração geográfica da produção dentro dos distintos países: formação e desenvolvimento de pólos coureiro-calçadistas.
<ul style="list-style-type: none"> • comércio mundial: elevação dos valores negociados em todos os segmentos (couro, calçados e artefatos de couro);
<ul style="list-style-type: none"> • concentração das exportações de couro em um grupo reduzido de países, com expressiva participação de alguns países asiáticos e latino-americanos, especialmente o Brasil;
<ul style="list-style-type: none"> • concentração das importações de couro nos países asiáticos e europeus;
<ul style="list-style-type: none"> • destaque do Brasil na exportação de couro e de calçados e da China na exportação de calçados: perda de participação da China no comércio mundial de couro e aumento de participação no comércio mundial de calçados, acompanhados de aumento da participação do Brasil no comércio mundial de couro e perda de participação no comércio mundial de calçados;
<ul style="list-style-type: none"> • peculiaridade do Brasil: não mantém participação relevante nas importações mundiais de couro.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP.

3. Desempenho da indústria brasileira de couro e calçados

3.1. Estrutura e concentração

A indústria brasileira de couro e calçados possui uma estrutura heterogênea, marcada pela existência de uma grande quantidade de pequenas e médias empresas e pela concentração do emprego e da produção nas mãos de um grupo limitado de grandes empresas, o que significa a reprodução interna da característica de concentração setorial observada no nível mundial.

A predominância de pequenas e médias empresas pode ser facilmente observada com base nos dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)² do Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE). Em 2008, 89% das empresas do setor coureiro-calçadista empregavam até 49 funcionários, 9% das empresas de 50 a 249 funcionários e apenas 2% possuíam mais de 250 empregados. Em contraste, aqueles grupos de empresas detinham 26%, 29% e 45% das vagas formais existentes no setor, respectivamente (Tabela 3). O setor de couro apresenta um grau de concentração ligeiramente maior que a média – o que vem se acentuando ao longo do tempo. O número de processadoras de couro, que conformaram 6% do total de empresas do setor em 2008, diminuiu em 1,1% entre 2000 e 2008, enquanto o emprego se elevou em 23% no mesmo período. A trajetória foi diferenciada para as unidades produtoras de calçados e de artefatos de couro: o número de empresas se elevou em 38% e o

² O RAIS/MTE inclui todas as empresas que se autodeclararam atuantes em determinado setor.

emprego em 20% no mesmo período, o que acentuou a importância das PMEs nos segmentos citados.

Tabela 3 – Número de Empresas e de Empregados na Indústria Brasileira de Couro e Calçados (2000 e 2008)⁽¹⁾

2000				
	Couro	Artefatos de couro	Calçados	Total
Empresas⁽²⁾	741	2.206	5.998	8.945
Até 49 empregados	78%	95%	87%	88%
De 50 a 249	19%	5%	10%	10%
mais de 250	3%	0%	3%	2%
Emprego	31.191	30.929	240.392	302.512
Até 49 empregados	21%	55%	20%	23%
De 50 a 249	48%	31%	27%	30%
mais de 250	32%	14%	53%	47%
2008				
	Couro	Artefatos de couro	Calçados	Total
Empresas⁽²⁾	733	2.482	8.816	12.031
Até 49 empregados	75%	96%	88%	89%
De 50 a 249	20%	4%	10%	9%
mais de 250	5%	0%	2%	2%
Emprego	38.424	30.996	293.240	376.004
Até 49 empregados	14%	62%	24%	26%
De 50 a 249	40%	28%	28%	29%
mais de 250	46%	10%	48%	45%

(1) Os dados do ano 2000 foram compilados segundo a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) (versão 1.0) e os de 2008 com base na CNAE (versão 2.0). Não há perfeita integração entre os agregados apresentados, mas uma aproximação bastante razoável. (2) Excluídas as com nenhum vínculo ativo.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da RAIS/MTE.

Dados do Cadastro Central de Empresas (CCE/IBGE, 2007), por sua vez, mostram que as doze maiores empresas brasileiras que atuam no preparo do couro responderam por 34,0% do pessoal ocupado no segmento, as doze maiores produtoras brasileiras de calçados (aqui excluídas empresas de “partes de calçados”) absorveram 31,4% do pessoal ocupado, e as do segmento de artefatos de couro, 10,6%. Para as 4 maiores empresas daqueles segmentos, os percentuais foram de 18,4%, 18,9% e 6,1%, respectivamente, mostrando que as empresas líderes no segmento de calçados também concentram a geração de emprego como as do segmento de couro.

O processo de concentração no setor de processamento de couro deverá se acentuar em decorrência do movimento de consolidação e de verticalização da indústria frigorífica brasileira em direção aos curtumes, que tende a aumentar a participação dessa indústria na apropriação de renda na cadeia coureiro-calçadista. Estudos apontam que o processo de integração vertical tem se concretizado de várias formas: “a estratégia dos grandes frigoríficos vem se dando através de uma onda de aquisições, leasing, arrendamentos, subcontratação e investimentos em novas plantas de processamento de couro” (ABDI, 2008). A eclosão da crise mundial no final do ano passado agravou a situação do setor de couro, que sofreu com a queda abrupta tanto da demanda quanto da liquidez, impondo grande dificuldade para a obtenção de capital de giro por parte de várias unidades. Algumas empresas do setor, por outro lado, estavam fortemente endividadas em dólares e sofreram com a deterioração rápida de sua solvabilidade na esteira da desvalorização cambial que se seguiu à eclosão da crise. O movimento de fusões e aquisições e de verticalização do setor frigorífico com seus efeitos evidentes sobre o setor de couro deve se refletir nas futuras estatísticas de concentração setorial.

Alguns exemplos do movimento de consolidação e de verticalização na indústria frigorífica podem ser destacados, como a aquisição do Grupo Zenda, empresa de origem uruguaia³, que atua na industrialização e na comercialização de couros acabados e cortados, pela Marfrig Alimentos (Valor Econômico, 23/09/2009); a criação da JBS Couros Ltda, como subsidiária do grupo frigorífico JBS-Friboi (Valor Econômico, 28/08/2009), bem como a fusão dos frigoríficos JBS-Friboi e Bertin (Brasil Econômico, 28/10/2009). Suspeita-se que a fusão do JBS-Friboi com o Bertin deva concentrar 20% do abate bovino no país e 80% do fornecimento de peles bovinas em um único grupo (Brasil Econômico, 28/10/2009), reforçando seu poder de mercado frente aos demais concorrentes e clientes. Os exemplos revelam a existência de uma importante movimentação na indústria frigorífica, que se tornou muito concentrada nas mãos de dois grandes grupos (JBS-Friboi e Marfrig), devendo provocar efeitos relevantes na estrutura da indústria de couro.

Por fim, a concentração geográfica das empresas do setor – típica nos diversos países produtores – também se verifica no Brasil. Importantes pólos coureiro-calçadistas podem ser observados em vários países, com destaque para a China, Itália e Brasil. A produção brasileira de couro está concentrada nas regiões Sul e Sudeste, que registram o maior número de curtumes. No segmento de beneficiamento do couro, a lógica de localização segue, em boa proporção, à de proximidade de pontos de abate de animais. Este quadro tem se alterado ligeiramente com o crescimento do rebanho e da instalação de frigoríficos em outras regiões do Brasil, como na região Centro-Oeste, com o decorrente aumento do abate e da produção local de couro, em função dos custos de transporte (Santos et. al., 2002).

A apresentação de dados regionais da indústria de couro para o ano de 2008 corrobora os comentários acima (Tabela 4). As regiões Sudeste e Sul claramente concentram grande parte das empresas de couro, artefatos e calçados. As regiões Nordeste e Centro-Oeste, apesar de suas ainda reduzidas participações relativas, têm maior relevância para a produção de couro do que para a de calçados. O porte médio das empresas do segmento de couro é mais homogêneo que o das empresas calçadistas e de artefatos de couro. O tamanho médio das empresas calçadistas é muito maior no Nordeste do que nas outras regiões, mas o salário médio desta região mantém-se bastante inferior ao observado no Sudeste e no Sul do país.

³ que tem unidades na Argentina, México, EUA, Alemanha, África do Sul, Chile, Hong Kong e China.

Tabela 4 – Distribuição das Empresas, do Emprego e do Salário Médio na Indústria Brasileira de Couro e Calçados (2008)

Região	Empresas ⁽¹⁾ (Número e %)		Porte Médio (empregados/ empresa)	Emprego (%)	Salário Médio (R\$)
Couro					
Norte	29	4	53,0	4	R\$ 757,45
Nordeste	84	11	58,8	13	R\$ 808,07
Sudeste	263	36	45,9	31	R\$ 938,87
Sul	297	41	53,8	42	R\$ 998,62
Centro-Oeste	60	8	64,7	10	R\$ 864,87
Total	733	100	52,4	100	R\$ 932,18
Artefatos					
Norte	16	1	6,6	0	R\$ 498,13
Nordeste	342	14	11,5	13	R\$ 486,03
Sudeste	1.107	45	14,5	52	R\$ 746,53
Sul	875	35	10,8	31	R\$ 687,94
Centro-Oeste	142	6	10,1	5	R\$ 594,26
Total	2.482	100	12,5	100	R\$ 687,77
Calçados					
Norte	18	0	15,6	0	R\$ 585,41
Nordeste	601	7	165,1	34	R\$ 562,88
Sudeste	3.986	49	18,7	25	R\$ 671,03
Sul	3.266	40	35,5	40	R\$ 767,18
Centro-Oeste	223	3	13,8	1	R\$ 556,72
Total	8.094	100	36,2	100	R\$ 671,20

(1) Excluídas as com nenhum vínculo ativo.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da RAIS/MTE.

Portanto, há um número significativo de empresas na indústria brasileira de couro e calçados, com a predominância quantitativa de pequenas e médias empresas em termos de pessoal ocupado em todos os seus segmentos; mas com concentração do emprego e da produção em um grupo reduzido de grandes empresas.

3.2. Análise da conjuntura: produção e emprego

Os dados de produção e de emprego da indústria coureiro-calçadista revelam sérios problemas competitivos.

A produção de preparados de couro e de artefatos, segundo dados da Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (PIM-PF/IBGE) organizados por atividade industrial, mais que a de calçados, já vinha em trajetória descendente desde o início de 2008, que se acentuou após a eclosão da crise mundial. Verifica-se que, ao longo do ano passado, enquanto a produção da indústria de transformação apresentou taxas de crescimento fortemente positivas, o segmento de couro manteve taxas negativas – o que também ocorreu para a fabricação de calçados a partir do segundo trimestre do ano (Tabela 5). No fechamento de 2008, a queda abrupta da produção não foi suficiente para tornar a variação da produção da indústria de transformação negativa – que fechou o ano com um crescimento de 3,1% – mas tornou ainda mais dramática a situação do setor coureiro-calçadista. A queda da produção de couro e artefatos no ano foi de 8,5% e a de calçados de 6,7%. Em 2009, a situação apenas se agravou – a queda acumulada da produção nos quatro trimestres findos em setembro de 2009 foi de 10,2% para a indústria de transformação, 13,7% para os calçados e 19,3% para couro e artefatos.

A deterioração da produção do segmento de couro e artefatos, que supera a do de calçados, deve ser explicada pela forte participação do setor externo como fonte de demanda. Segundo ABDI (2008), cerca de 75% da produção brasileira de couros se

destinou ao mercado externo em 2007. A queda de demanda de couro pela China (grande produtora e exportadora mundial de calçados) e pela indústria moveleira e automotiva internacional tende a justificar o baixo desempenho da produção de couro. Por outro lado, ainda que as dificuldades tenham começado a se mostrar mais cedo nos países industrializados (meados de 2007), o movimento de estagnação da produção no período pré-crise pode estar ligado, em alguma proporção, ao movimento de valorização do real – que se repõe após a breve desvalorização do final de 2008 e início de 2009.

Tabela 5 – Indústria de Transformação e Indústria de Couro e Calçados: variação da produção física (I/2008-III/2009) (Em %)

Descrição	I	II	III	IV	I	II	III
	2008	2008	2008	2008	2009	2009	2009
Taxa trimestral em relação ao mesmo trimestre do ano anterior							
Indústria de Transformação	6,4	6,2	6,6	-6,3	-14,5	-12,3	-8,2
Couro e artefatos	-11,9	-2,2	-5,5	-14,3	-25,3	-20,9	-17,3
Calçados	1,9	-8,5	-3,1	-15,2	-18,1	-13,1	-8,4
Taxa acumulada nos últimos quatro trimestres							
Indústria de Transformação	6,6	6,7	6,8	3,1	-1,9	-6,5	-10,2
Couro e artefatos	-6,6	-7,7	-7,9	-8,5	-11,4	-16,0	-19,3
Calçados	0,8	-0,9	-1,6	-6,7	-11,2	-12,2	-13,7

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da PIM-PF/ IBGE.

No que se refere à evolução do emprego formal, destaca-se a pequena criação de vagas na indústria de couro nos três primeiros trimestres de 2009 (362 vagas), frente à destruição em 2008 (-2.180 vagas). Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED/MTE)⁴ apresentam um fechamento líquido de vagas no setor de couro anterior à crise (no segundo e terceiro trimestre de 2008), enquanto o setor produtor de calçados e artefatos tem o fechamento líquido de vagas coincidindo com o resto da indústria.

Tabela 6 – Indústria de Transformação e Indústria de Couro e Calçados: evolução da criação de emprego formal (I/2008-III/2009)

	Estoque 2007	I/2008	II/2008	III/2008	IV/2008	I/2009	II/2009	III/2009
Indústria de Transformação	6.710.807	149.712	161.371	188.781	(344.709)	(145.924)	2.650	200.645
Couro	46.001	1.191	(445)	(2.927)	(3.845)	(1.148)	442	1.068
Artefatos	32.000	207	494	227	(2.394)	(953)	(223)	1.189
Calçados	302.892	13.177	8.033	9.845	(39.951)	7.331	(397)	20.456
Partes de calçados	13.616	547	516	1.058	(1.928)	686	(99)	1.933

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados do CAGED/MTE.

⁴ O CAGED/MTE apresenta os resultados de todas as empresas que realizaram contratação/demissão de empregados formais no período pesquisado, tendo, portanto, cobertura censitária. Esta base de dados mostra-se mais adequada para analisar criação de emprego formal em setores onde predominam empresas de menor porte.

3.3. Comércio externo

O comércio externo brasileiro de couro e calçados tem se mantido superavitário ao longo da década atual⁵ (Cunha, 2008b e Cunha e Vasconcelos, 2009).

A análise de dados mais recentes de comércio externo permite destacar a manutenção de saldos comerciais positivos nos distintos segmentos de couro e de calçados e de resultados negativos no segmento de artefatos de couro (Tabela 7). De janeiro a setembro de 2009, o Brasil exportou cerca de US\$ 790 milhões em couro e US\$ 1,1 bilhões em calçados. As importações alcançaram apenas US\$ 43 milhões em couro e US\$ 232 milhões em calçados. Isto produziu um superávit comercial, respectivamente, de US\$ 747 milhões e US\$ 866 milhões. A exceção se encontra no segmento de artefatos de couro, com pequeno peso nas exportações brasileiras, e que apresentou um resultado negativo de US\$ 99 milhões no mesmo período. Os dados citados confirmam a importância do Brasil como produtor e exportador tanto da matéria-prima básica quanto do produto final do setor calçadista.

Entretanto, houve queda dos superávits comerciais de couro e calçados, (respectivamente -47% e -34%) na comparação dos dados acumulados de janeiro a setembro de 2009 com os do mesmo período de 2008 (Tabela 7). Isto afetou particularmente o segmento de couro que havia apresentado incrementos sucessivos de seu superávit comercial ao longo de toda a década atual (Cunha, 2008b). Os níveis relativamente mais baixos dos valores exportados, prejudicados pela situação de crise mundial e de encolhimento da demanda externa, com contribuição da valorização recente da moeda nacional, foram os principais responsáveis pelos resultados comerciais observados em todos os segmentos. A queda das exportações de couro foi da ordem de 48% e a de calçados atingiu quase 30%, levando à contração das exportações totais em 38% no período de janeiro a setembro do ano corrente comparado a igual período do ano passado.

**Tabela 7 – Comércio Externo Brasileiro de Couro, Artefatos e Calçados
(Em US\$ milhões)**

	Jan. a Set. 2008 (US\$ milhões)	Jan. a Set. 2009 (US\$ milhões)	Varição (%) Jan. a Set.-09/ Jan. a Set.-08
Exportação			
Couro	1.530,5	789,7	(48,4)
Calçados	1.562,8	1.098,1	(29,7)
Artefatos de couro	96,1	77,8	(19,0)
Total	3.189,4	1.965,7	(38,4)
Importação			
Couro	119,8	42,7	(64,4)
Calçados	245,8	231,9	(5,7)
Artefatos de couro	180,3	176,9	(1,9)
Total	545,9	451,5	(17,3)
Saldo comercial			
Couro	1.410,7	747,1	(47,0)
Calçados	1.317,0	866,3	(34,2)
Artefatos de couro	(84,2)	(99,1)	-
Total	2.643,5	1.514,3	(42,7)

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da SECEX.

⁵ Para o cálculo do comércio externo de couro e calçados foram considerados os produtos NCM 41 (4104 a 4107 e 4112 a 4115), NCM 42 (4201 a 4206) e NCM 64 (6401 a 6406).

Detalhando as exportações brasileiras de couro por tipo de produto, observa-se a manutenção do predomínio do couro acabado (em termos de valor), que atinge preços médios superiores no mercado internacional, seguido pelo couro *wet blue*, considerado semi-acabado, com preços médios muito inferiores (Tabela 8).

O primeiro relatório de acompanhamento setorial (Cunha, 2008a) havia destacado que, historicamente, as vendas externas de couro brasileiro estiveram vinculadas às exportações de couro *wet blue*, de menor valor agregado. Outros estudos setoriais também haviam apontado a predominância do *wet blue* nas exportações brasileiras de couro até o início da década atual (Santos et al., 2002). Contudo, Garcia e Madeira (2007) e Cunha (2008a) destacaram o crescimento das exportações brasileiras de couro acabado, que passaram a representar cerca de 50% das vendas externas de couro. Isto certamente gerou elevação do valor agregado do couro exportado e aumento das exportações brasileiras de couro nos últimos anos.

Os dados mais recentes confirmam as conclusões acima citadas. De janeiro a setembro de 2009, as exportações brasileiras de couro acabado atingiram US\$ 462 milhões (58,4% do valor total exportado), puxadas pelo elevado preço médio do produto (US\$ 11,85) (Tabela 8). O valor exportado de couro *wet blue* alcançou o patamar inferior de US\$ 200,6 milhões (25,4% do total), liderado basicamente por suas quantidades exportadas, considerando seu reduzido preço médio de exportação (US\$ 1,17). O couro *crust*, que geralmente atinge preços médios mais elevados (US\$ 7,33), manteve um menor peso relativo na pauta de exportação brasileira de couro (14,5% em valor no período citado).

A comparação com dados de meados da década atual (2004) mostra um processo de aumento da participação do couro acabado em termos de valor exportado (de 46,4%, em 2004, para 58,4%, de janeiro a setembro de 2009) e uma redução do couro *wet blue* (de 35%, em 2004, para 25,4%, de janeiro a setembro de 2009) (Tabela 8). O couro *crust* manteve sua participação na pauta de exportação, mesmo com queda de seu preço médio, no período analisado – dados confirmados pelas estatísticas fornecidas pela Revista Courobusiness (nov./dez. de 2008). Isto indica a importância crescente do couro acabado, mais elaborado e com preços médios mais elevados, nas exportações brasileiras de couro, em detrimento do couro *wet blue*, menos elaborado e mais barato.

Tabela 8 – Brasil: evolução do preço médio e da participação percentual dos tipos de couro no valor exportado (2004 e 2009)

Tipos de couro	2004		Jan. a Set./2009	
	Preço Médio (US\$/Kg)	valor (%)	Preço Médio (US\$/Kg)	valor (%)
Salgado	0,59	0,2	0,65	0,2
Wet-Blue	1,93	35,0	1,17	25,4
Crust	10,90	14,3	7,33	14,5
Acabado	12,91	46,4	11,85	58,4

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da SECEX.

De janeiro a setembro de 2009, os principais destinos das exportações brasileiras de couro foram: China (24,3%), Itália (22,1%), Hong Kong (13,4%) e EUA (8,4%), (Tabela 9). Alguns dos países citados são importantes produtores e exportadores mundiais de calçados que utilizam matéria-prima brasileira. Com relação ao ano passado, a única mudança mais significativa na posição relativa dos principais destinos do couro brasileiro foi a liderança assumida pela China, superando

um tradicional importador do couro brasileiro, a Itália. Analisando a evolução das exportações de couro ao longo da década atual, percebe-se claramente a emergência tanto da grande produtora mundial de calçados (China) quanto de outros importantes produtores de calçados asiáticos (Vietnã e Indonésia), que aumentaram expressivamente suas participações como destino do couro brasileiro.

Tabela 9 – Principais Países de Destino das Exportações Brasileiras de Couro (2008 e 2009)

Ranking	2008		Jan.-Set. 2009		
	(US\$ milhões)	(%)	(US\$ milhões)	(%)	
1. Itália	511,7	27,3	1. China	191,6	24,3
2. China	375,0	20,0	2. Itália	174,5	22,1
3. Hong Kong	217,7	11,6	3. Hong Kong	105,6	13,4
4. EUA	171,7	9,1	4. EUA	66,3	8,4
5. Vietnã	89,0	4,7	5. Vietnã	29,1	3,7
6. Indonésia	60,3	3,2	6. México	28,3	3,6
Total (6 maiores)	1.425,4	75,9	Total (6 maiores)	595,4	75,4
Total	1.877,7	100,0	Total	789,7	100,0

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da SECEX.

Ao longo da década atual, houve um aumento generalizado e persistente da participação brasileira nos valores importados de couro por seus principais mercados consumidores no período 2000-2007 (Tabela 10). O destaque ficou para o aumento expressivo de participação do couro brasileiro nos mercados internos de países asiáticos (China, Hong Kong e Indonésia). Isto confirmava o Brasil como grande produtor e exportador de matéria-prima para os mercados da região asiática, que também se destacam como grandes produtores e fornecedores de calçados para o mercado mundial. Contudo, a perspectiva de incremento da participação brasileira em seus principais mercados consumidores depende da recuperação e da sustentação da demanda pós-crise, assim como da movimentação favorável do câmbio, sem prejuízo à atividade exportadora.

Tabela 10 – Evolução da Participação do Brasil nos Principais Mercados Consumidores de Couro Brasileiro (% sobre o valor importado) (2000, 2004 e 2007)

Principais mercados ⁽¹⁾	2000	2004	2007
1. Itália	22,0	22,8	34,8
2. China	2,1	9,0	14,4
3. EUA	5,4	11,4	24,4
4. Hong Kong	5,4	7,3	9,9
5. Indonésia	1,3	1,0	19,0

(1) Ranking de 2007

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados Comtrade.

O Quadro 2 resume algumas conclusões da análise do desempenho recente e das perspectivas do comércio externo brasileiro de couro:

<ul style="list-style-type: none"> • indústria brasileira se mantém como uma das maiores exportadoras mundiais de couro;
<ul style="list-style-type: none"> • mas desaceleração do superávit comercial de couro, decorrente da redução das exportações;
<ul style="list-style-type: none"> • participação ascendente das exportações brasileiras de couro nos principais mercados externos;
<ul style="list-style-type: none"> • mas perspectiva de perda de mercado externo, havendo continuidade da redução da produção doméstica de couro e da queda de suas exportações.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP.

4. Considerações Finais

A indústria brasileira de couro tem se destacado na produção e no comércio mundial ao longo da década atual, com base em produtos cada vez mais elaborados. Contudo, precisa se dedicar à superação do período de crise para conseguir enfrentar o acirramento da concorrência internacional e afastar o perigo de perda de mercados consumidores externos.

Algumas de suas características e tendências devem ser destacadas, como sua estrutura heterogênea com predomínio quantitativo de pequenas e médias empresas e crescente concentração do emprego e da produção em um conjunto reduzido de grandes empresas, reproduzindo internamente a concentração setorial observada no plano internacional. Isto coloca a necessidade de um esforço diferenciado para o desenvolvimento das empresas menores, que sofrem com a falta de tecnologia, de escala e de financiamento, mas também requer uma atenção especial com a formação e o desenvolvimento de grandes empresas, mais adequadas ao enfrentamento do poder de seus fornecedores e clientes de grande porte e dos concorrentes no disputado mercado internacional.

Uma das tendências vivenciadas pela indústria brasileira de couro é a intensificação do processo de concentração relacionado ao movimento de consolidação e de verticalização da indústria frigorífica. Isto tem contribuído para a formação de grandes competidores brasileiros, preparados para uma atuação de liderança no mercado interno e externo. O advento da crise, que trouxe encolhimento da demanda e da liquidez, tornou-se mais um fator de estímulo ao processo de concentração setorial.

A indústria brasileira de couro ainda enfrenta enormes dificuldades para recuperar o desempenho desfavorável de sua produção, emprego e comércio externo, principalmente depois da eclosão da crise mundial. A trajetória descendente de sua produção física, que precedeu a crise, foi agravada no período pós-crise. Esta deterioração da produção de couro, que superou a de calçados, tem relação com a forte participação do setor externo como fonte de demanda. Setores dependentes de exportação sofreram com o encolhimento da demanda externa por conta da crise, com fortes efeitos adversos sobre a produção e o emprego. O comércio externo brasileiro de couro também deixou transparecer as dificuldades enfrentadas no mercado internacional, assim como o movimento cambial desfavorável às vendas externas brasileiras devido à valorização do real. Houve contração das exportações e

significativa deterioração do superávit comercial, principalmente ao longo de 2009, configurando um cenário preocupante para a indústria brasileira de couro.

Não se pode deixar de destacar, todavia, que o Brasil continua sendo um dos maiores produtores e exportadores de couro para os mercados asiático, europeu e norte-americano. Algumas dessas regiões se destacam como grandes fornecedores de calçados para o mercado mundial, utilizando a matéria-prima oriunda das empresas brasileiras. Além disso, a indústria brasileira de couro tem conseguido incrementar a produção e a exportação de couro acabado, agregando valor ao produto exportado, que atinge preços médios mais elevados no mercado externo. A exportação de couro acabado inclusive passou a superar a exportação do couro cru, que dominava a pauta de exportação de couro na década passada. Mesmo assim, mantém-se a necessidade de direcionar os esforços para a agregação de valor ao couro exportado, assim como para a diversificação de seus destinos externos, com o objetivo de conquistar mercados consumidores e indústrias mais sofisticadas, que exigem couro mais elaborado e de melhor qualidade, como as indústrias automotiva e moveleira.

A participação do couro brasileiro em seus principais mercados mundiais mantinha uma trajetória de crescimento antes da crise. Este comportamento ascendente da participação brasileira nos mercados consumidores externos corre o perigo de ser revertido se for mantida a tendência de queda das exportações de couro. Considerando, ademais, a redução da produção física doméstica e a manutenção da valorização cambial, avizinha-se um cenário preocupante para a inserção do couro brasileiro no mercado internacional: possibilidade de continuação da queda das exportações e de encolhimento do superávit comercial e eventual perda de mercados consumidores externos. Isto significaria um baque para a virtuosa inserção comercial externa do couro brasileiro observada em anos anteriores.

A manutenção da recuperação da economia brasileira e o movimento de concentração e de reestruturação da indústria brasileira de couro abrem a possibilidade de um desempenho mais favorável no futuro. As grandes dificuldades devem continuar sendo a persistência da fraca demanda internacional, a acirrada concorrência nos mercados externos e a valorização do real, que têm contribuído para a deterioração do superávit comercial brasileiro de couro. Para superá-las, a indústria brasileira de couro precisa enfrentar suas reconhecidas fragilidades, encontrando novas formas de se tornar competitiva e garantir espaço no mercado externo. Um possível caminho torna-se a manutenção do esforço de agregação de valor aos produtos exportados e de diversificação de destinos. Cumpre lembrar um aspecto já apontado em relatório anterior: uma das metas da Política de Desenvolvimento Produtivo (PDP, 2008) definida recentemente no Brasil era aumentar o valor das exportações de couro acabado, com o objetivo de reforçar a agregação de valor às vendas externas brasileiras de couro.

Estímulos devem ser pensados para os produtores de couro, como para aqueles focados no mercado externo, que foram gravemente atingidos pelo encolhimento da demanda externa no contexto de crise mundial e pela intensificação da concorrência internacional. Tais estímulos deveriam se destinar, por exemplo, ao investimento na agregação de valor e na escala de produção do couro brasileiro exportado e à intensificação do esforço de promoção do couro brasileiro no exterior. A orientação para exportação coloca também a necessidade de discutir padrões de qualidade e produtividade do couro brasileiro, para torná-lo apto a disputar o mercado externo de produtos mais elaborados.

Referências bibliográficas

- Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI). **Relatório Setorial: Indústria do Couro, Calçados e Artefatos**. Brasília, dezembro de 2008.
- Brasil Econômico. “Fusão de Friboi e Bertin pressiona preço do couro”. 28/10/2009.
- Costa, A. B. (2002). **Estudo da Competitividade de Cadeias Integradas no Brasil: impactos das zonas de livre comércio. Cadeia: Couro e Calçados**. Nota técnica final. Convênio: MDIC/ MCT/ FINEP/ NEIT(IE/UNICAMP). Campinas/SP: dezembro.
- Cunha, A. M. (coord.) (2008a). **Relatório de Acompanhamento Setorial (Vol. 1): Couro e Calçados**. Convênio: Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI) e Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia (NEIT/IE/UNICAMP). Campinas, março de 2008.
- Cunha, A. M. (coord.) (2008b). **Relatório de Acompanhamento Setorial (Vol. 2): Couro e Calçados**. Convênio: Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI) e Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia (NEIT/IE/UNICAMP). Campinas, setembro de 2008.
- Cunha, A. M. e Vasconcelos, L. F. (coord.) (2009). **Relatório de Acompanhamento Setorial (Vol. 3): Couro e Calçados**. Convênio: Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI) e Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia (NEIT/IE/UNICAMP). Campinas, julho de 2009.
- Garcia, R. e Madeira, P. (2007). **Uma agenda de competitividade para a indústria paulista. Cadeia: Couro e Calçados**. Nota técnica final. Convênio: Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT)/ FIPE/ NEIT/IE/UNICAMP. São Paulo/SP: outubro.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2007). **Cadastro Central de Empresas (CCE)**.
- Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). **Política de Desenvolvimento Produtivo: inovar e investir para sustentar o crescimento**. Maio de 2008.
- Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). **Secretaria de Comércio Exterior (SECEX)**. Estatísticas de Comércio Exterior. Vários anos.
- Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE). **Relatório Anual de Informações Sociais (RAIS)**, vários anos.
- Organização das Nações Unidas (ONU). **United Nations Commodity Trade Statistics Database (Comtrade)**.
- Revista Courobusiness. Edição no.61. Novembro/Dezembro de 2008.
- Santos, A. M. M. et. al. (2002). Panorama do Setor de Couro no Brasil. **BNDES Setorial**. Rio de Janeiro, setembro de 2002.
- Valor Econômico. “JBS cria empresa para atuar em couro”. 28/08/2009.
- Valor Econômico. “Marfrig investe em couro em nova disputa com a JBS”. 23/09/2009.